

# UMA ETNOGRAFIA DOS SABERES CURRICULARES ... QUANDO CRIANÇAS E JOVENS ENTRAM EM CENA

(ETHNOGRAPHY AND CURRICULAR KNOWLEDGE ... WHEN CHILDREN AND ADOLESCENTS COME ON THE SCENE)

MARIA DE LOURDES PEIXOTO BRANDÃO<sup>1</sup>

## RESUMO

*O presente artigo descreve o movimento de um estudo etnográfico desenvolvido no contexto da escola rural com a participação de crianças e jovens cearenses, anunciando depoimentos que explicitam a face oculta de um cenário curricular editado no espaço agrário-agrícola, diante de um novo mundo rural.*

**Palavras-chave:** Etnografia, currículo, escola rural

## ABSTRACT

*This paper describes the movement of a study of ethnography developed on the context of rural school with participation of children and teenagers of Ceará, introducing realities that discover the hidden face of curriculum edited on the agrarian and agricultural space, established by a new rural world.*

**Keywords:** Ethnography, curriculum, rural school

## ARTIGO

Na presente análise<sup>2</sup>, os cenários curriculares e o registro das manifestações culturais sobre o cotidiano – mundo vivido pelas crianças e jovens escolarizados são assumidos como conhecimentos significativos, portanto apreendidos como desconstrução das formalidades dos relatórios de pesquisa, os quais desvelam informações e anulam sentimentos manifestados

acerca da vivência no campo investigativo – indícios reais dos impactos da pesquisa nos projetos formativos.

Esse itinerário, *pelos caminhos curriculares*, redesenha um percurso metodológico de investigação, apresentando uma nova relação para o ato pedagógico a ser concretizado dentro e fora da escola por docentes e discentes, em oposição à tendência tecnicista e determinadora de comportamentos, atitudes e saberes que emperram manifestações de desejos e de práticas autônomas, permitindo descobrir nos contextos em que vivem e trabalham - lugares comuns percorridos diariamente entre as salas de aula e as respectivas moradias, em que a escola e o campo passam a ser lidos como espaços sociais e culturais. Isto se deu, recolocando histórias de vida de alunos, inserindo-os como parte do projeto formativo ensaiado, em busca da maturidade pedagógica necessária à superação da crise pela qual vem passando a educação e, em especial, aquela situada em contextos rurais.

Nessa perspectiva, os cenários do cotidiano da escola e das relações no campo foram considerados no contexto vivencial em que o lazer, a cultura e os modos de produção foram registrados e oficializados no espaço da escolarização pelas falas, desenhos e textos de crianças e jovens, apoiados nos saberes de experiências, e sociais, reconstruídos em suas interfaces com os saberes de formação, na perspectiva do currículo em uso.

Assim, encaminhamos a construção histórica dos saberes em transformação e delineamos o percurso da pesquisa<sup>3</sup> no ritmo dos movimentos da práxis social. Essa abordagem envolveu profundas alterações no modo de pensar e fazer ciência no fluxo das

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e membro do Núcleo Educação, Currículo e Ensino da Pós-Graduação em Educação Brasileira, FAGED/ UFC. Doutora em Educação.

<sup>2</sup> Destacamos o fato de que as explicitações contidas no presente artigo partem de reflexões e produções de alunos, sistematizadas durante a realização da pesquisa *Saberes Agrário-Agrícola no Projeto Formativo da Escola Rural*, o currículo como uma política cultural coordenada pela autora (Tese de Doutorado, 1995-1997)

<sup>3</sup> Para a pesquisa de campo, foi indicada a localidade de Boqueirão do Arara, situada no Município de Caucaia, CE, na qual está situada a Escola de 1º Grau Adélia Crisóstomo – campo de investigação das relações curriculares desse estudo etnográfico (1995-1997)

transformações curriculares, onde o investigador e o investigado foram considerados como atores sociais.

Nestas condições, *crianças e adolescentes da escola rural passaram a assumir a tarefa de pesquisadores*<sup>4</sup>, haja vista que estavam inseridos na mediação da cultura, ou seja, convivendo com os espaços educativo-produtivos, reordenados pelas intervenções advindas da modernidade, submetidos ao fluxo-circulação das idéias de progresso chegadas no campo e à escola rural. Convém esclarecer que a inserção destes atores no campo da pesquisa foi pensada como uma forma de trabalhar a relação conhecimento e poder, dando-lhes possibilidades de exercitar o tipo de coragem necessária para mudar a ordem social, quando preciso<sup>5</sup>. Com efeito, eles foram encaminhados a examinar o conhecimento refletido na luta diária da vida das pessoas, para o entendimento da vida cotidiana, na qual a vivência do ato de pesquisar no movimento curricular, ofereceu subsídios para compreensão das visões particulares do mundo, como ele de fato se constrói e se transforma, descobrindo manifestações de resistências no contexto da sala de aula, diante dos valores pragmáticos e mercantilistas da cultura oficializada.

É de necessidade esclarecer, ainda, que a inserção dos atores sociais no campo investigativo caminhou dentro dos limites de uma concepção curricular que nega saberes rotulados como oficiais, onde se acentuam programas disciplinares que desconsideram as tradições culturais da população rural e daqueles que migram para as localidades periféricas aos grandes centros urbanos.

Como se vê, é um ensaio pedagógico que redefine atos da pesquisa na vida de crianças e jovens escolarizados e que as faz assumir coletivamente o papel de atores sociais responsáveis pela documentação fotográfica dos espaços pesquisados, pelas entrevistas e comentários dos dados obtidos a partir de conversas orientadas pelos roteiros e pela produção individual e coletiva de textos e mapas culturais (cartografias) sobre temáticas cotidianas/ curriculares.

Esse procedimento foi adotado, tendo em vista apresentar subsídios para contrapor e, assim, ultrapassar visões simplistas e reducionistas que vêm

historicamente determinando programas e textos escolares, os quais negam as idéias de progresso presentes no fluxo do cotidiano vivido ... em casa, nas caminhadas, no mundo do trabalho, como se existissem dois mundos isolados: o rural /campo – decadente e a cidade /urbanizada-moderna.

Nesse contexto explicativo, a reconceptualização curricular se deu a partir da óptica de usuários produtores e não apenas reconhecedores de uma cultura escolar instituída oficialmente, anunciando ensaios produzidos nas fronteiras curriculares, nos limites entre a cidade e o campo; um caminhar lento, nascido da tradição rural, que confia plenamente nos saberes escolares como projeção para o futuro dos filhos e que ainda regula os conhecimentos escolares pelo mesmo termômetro e equipamentos meteorológicos que cotidianamente os ajudam a adivinhar quando vai chover, e que esperam com fé uma solução trazida por Deus, extraíndo destas relações o poder de decidir, de lutar e de exigir melhores condições de trabalho e de ensinamentos que os tornem capazes de enfrentar as tecnologias milagrosas regidas pelos saberes científicos, até então alheios ao cotidiano do ato produtivo/educativo rural.

Recolocamos, assim, saberes de formação e de experiências como fontes de um currículo real, negando a ordem estabelecida e instituída pelo currículo oficial; questionamos os modos como estes chegam a ser assumidos como legítimos e úteis e como vem se dando o gerenciamento das práticas pedagógicas exercidas no contexto das salas de aula interligado à produção de novos saberes, não oficiais. Essas questões, dentre outras, delineiam os cenários da análise curricular representados por textos e imagens, *pelos caminhos rurais*, tendo em vista anular roteiros didáticos que inviabilizam um percurso endereçado à emancipação.

A seguir, apresentamos instrumentos e técnicas etnográficas<sup>6</sup> aqui destacadas como orientação pedagógica aos docentes que fizerem opção pela etnografia como um caminhar metodológico-crítico capaz de recriar o espaço educativo a partir de uma produção textual dos espaços e tempos cotidianos relidos pelas crianças, dando-lhes, assim, oportuni-

<sup>4</sup> A decisão de inserir crianças na investigação deveu-se à preocupação quanto a reconstrução da concepção da pesquisa na docência, em que não apenas os docentes são convocados para assumir esta tarefa político - pedagógica crítica. O fato é que, durante este estudo, assumimos os riscos e as críticas da academia, ao apoiar as reflexões e análises nas investigações feitas por crianças e jovens escolarizados, os quais constituem, de fato, a razão de ser deste estudo. Assim, encontramos o modo de realizar um percurso coletivo com os atores sociais da aprendizagem, sujeitos históricos da emancipação, extrapolando rituais e formas de controle curricular, saberes escolares oficializados junto às escolas rurais cearenses

<sup>5</sup> Sobre esta questão ver: MCLAREN, Peter. *A vida na escola: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Tradução de Lúcia Pellandra Zimmer (Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1977, cap.V

<sup>6</sup> In: BRANDÃO, Maria de Lourdes P. *op.cit.*, 1997

dades de assumirem a condição de sujeito histórico, agente de transformação no processo de formação. Além da descrição do processo de construção, indicamos como exemplificações a relação entre os instrumentos/técnicas, bem como destacamos manifestações de crianças e jovens como membros integrantes desse estudo curricular, de natureza etnográfica.

O questionário-atividade foi organizado por nós, considerando os seguintes critérios: 1) ser uma tarefa de casa agradável para os alunos - respondentes; 2) inserir as crianças e jovens na pesquisa de campo, exercitando-as para a investigação junto aos membros da comunidade.

Durante a aplicação deste instrumento, cada respondente (criança/jovem - pesquisador) escreveu e desenhou sobre suas famílias, as localidades serranas onde moram, os espaços produtivos (roçado, indústria e comércio), a escola, anunciando recortes sobre a cultura e lazer presentes nas respectivas áreas.

Como exemplificação, apresentamos algumas transcrições que explicitam trajetórias curriculares delineadas "fora da escola e dentro dos espaços educativo-produtivo-familiares", redesenhando itinerários e conseqüentemente novos saberes a serem considerados entre a escola e a vida, construídos pela culturas infantis e juvenis - *pelos caminhos rurais*.

Eis alguns anúncios destas referências<sup>7</sup>:

*Nos sábados ajudo a mãe nos trabalhos de casa e as vezes a noite vou a festa da Santa Rosa. Apenas isto (...) Também eu jogo vôlei com minhas amigas vou tomar banho no açude ou no lago (...) nos domingos eu apenas passeio de ônibus. (13 anos, única menina no grupo de pesquisadores da 3ª série)*

*Neste sábado eu comecei o dia enchendo o tanque depois fui capiná o quintal daqui de casa e logo depois fui capiná o do vizinho e chegou a hora do almoço. A tarde eu só brinco de bila e de bola e conversei com minhas amigas. De noite tomei banho deitei e fui assistir as novelas e quando terminou vim dormir (aluna da 5ª série, 16a).*

*Aos domingos faço quase as mesmas coisas que faço nos sábados. Neste domingo eu comecei logo de manhã enchendo o tanque isso eu faço todos os dias e fui comprar galinha lá no Coité e quando cheguei tomei banho... almocei. A tarde não fiz nada, só dormir. Lá para as 3 horas levantei, saí de casa para as casas dos amigos para ver televisão e esse é meu lindo e triste dia de domingo... (17 anos, aluno da 3ª série)*

Entre as moças, foi registrado que se divertem nos horários de folga, haja vista que não são desobrigadas das tarefas domésticas instituídas para mulheres.

*Aos sábados... Eu fico eu casa cuidando das coisas como lavar roupa, varrer a casa e o terreiro, cuidando dos meninos e depois vou fazer meu dever escolar. Tomo banho, banho meus irmãos e vou fazer a janta (Aluna da 5ª série, 16a)*

Aos domingos, o ritual dos afazeres domésticos das moças é mais leve e sobra mais tempo para o lazer fora e dentro do ambiente e da esfera familiar.

*Passeio muito, vou para a casa da minha vó e para a casa das minhas amigas pela manhã. Pela tarde vou para o campo de futebol, ando de bicicleta. Saio de casa a 1 hora e chego as 7:30 h da noite ( Aluna da 5ª série, Caucaia, CE, 1995)*

Os rapazes descreveram assim:

*Nos sábados... Eu estou ajudando o meu pai no trabalho na agricultura e em outros trabalhos que a gente faz... quebrando milho, apanhando feijão, arrancando mandioca para fazer farinha capinando e plantando (Aluno da 5ª série, Caucaia, CE, 1995)*

*Aos domingos... Eu passo o dia quase todo estudando porque no meio da semana o tempo é pouco. Quando eu chego da aula só da tempo almoçar e ter um momento de des-*

<sup>7</sup> Estas referências foram transcritas das respostas dos alunos ao questionário-atividade/ questão 05 a partir da qual indagávamos sobre: como é a vida das crianças e dos jovens (meninos e meninas) durante o fim de semana? Acrescentamos que todas as respostas indicadas nesta parte do texto foram sistematizadas pela autora - pesquisadora no período - 1995/1997

*canso e depois eu vou trabalhar...do meio dia até 5 horas da tarde* (Aluno da 5ª série da Santa Rosa, Caucaia, CE, 1995)

Eis alguns depoimentos de alunos submetidos às tarefas de preenchimento de questionários, como anteriormente dito, construídos com a intenção de serem parte do cotidiano escolar, interpretados como tarefas prazerosas de casa.

*A senhora deu esse questionário prá gente fazer em casa. Ele falava das coisas da gente, da nossa casa, do local onde ficava, o que nós fazia nos domingos e nos sábados e outras coisas* (Samuel, 15a. 1996)

*... Eu gostei. A gente podia fazer na hora que a gente quisesse, não tinha dia certo prá entregar e eu gostava. (...)Eu gostava de fazer assim que eu chegava em casa, logo porque eu já tinha estudado. Era assim, eu já tava pensando no que eu tinha falado e perguntado aos meus pais, aí eu ia escrevendo (...) eu tava fazendo uma coisa aí eu me lembrava... ia lá e escrevia...eu desenhava (...) eu gostei muito de fazer isso* (Marineide, Boqueirãozinho, 15 a, 1996)

Para conduzir as “entrevistas” com os agricultores, foi elaborado um roteiro básico com a participação de crianças que tinham afinidades/vivências com o espaço produtivo agrícola (em sua maioria filhos de agricultores) e em seguida submetido a um pré-teste com um agricultor da comunidade e que, por sugestão da professora, foi realizada com o seu pai, o qual desde criança, trabalha na agricultura. Destacamos a seguir o que captamos dessa relação de convivência do agricultor conosco:

*Eu acho que ele teve um incentivo no trabalho dele ... eu sei que se sentiu mais forte ... ele achava que ele tivesse esquecido né... mais foi a partir da entrevista que ele acordou... se sentiu valorizado. Acordou tanto que agora levanta de madrugada para aguar as plantações de milho, de feijão...* (Depoimento da professora rural, filha do agricultor, Caucaia, CE, 1995)

Após este momento, ajustamos a linguagem e a ordenação das questões e, em seguida, realizamos uma conversa coletiva com os alunos entrevistadores sobre os assuntos que iriam abordar nas entrevistas, sendo

este momento por nós coordenado como uma forma de capacitá-los para a nova tarefa. Todo o processo foi gravado em fita cassete, tendo em vista familiarizá-los com o uso do gravador, e documentado em fotografias, haja vista que cada aluno-pesquisador foi equipado com os referidos instrumentos, para facilitar a documentação do seu trabalho. Esta atividade esteve sob a responsabilidade do grupo de pesquisadores que naquele momento estavam trabalhando na agricultura. Apenas uma aluna, integrante do grupo, solicitou também material para realizar esta atividade com o seu avô, o que nos proporcionou dados históricos interessantes. Eis o que manifestaram sobre a realização das entrevistas :

*... no começo a gente tava com muita ansiedade (...) não tinha experiência com nada disso...era a primeira vez que eu estava fazendo...aí eu fui entrevistar um agricultor da Santa Rosa ... o “Sr. Geraldo” e nós perguntamos sobre: onde ele morou antes? onde ele trabalha? quanto ganha na agricultura? Como era a vida dele no roçado? Os momentos bons e os momentos maus ...na seca. Ele me disse que achou ótimo porque através disso, ele contou para os outros a vida dele na agricultura e o que ele sabe (sic). (Aluno da Escola Rural, Santa Rosa, 1996)*

*... Assim que eu cheguei lá e eu falei para ele que ia entrevistar e gravar(...) Ele ficou meio assim ... porque ele é meio encabulado mas concordou. Aí eu ia perguntando e eu ia explicando para ele entender melhor, aí ele respondia. Aí ele disse umas coisas que eu até já tinha esquecido. Ele falou da plantação de cana, do arroz, do feijão, falou também como era a vida dele desde 9 anos. (sic) (Aluna da Escola Rural, Boqueirãozinho, 1996)*

Em seguida passamos à tarefa de produção de textos emergentes dessas primeiras aproximações com o espaço agrário-agrícola, após uma análise das respostas apresentadas de forma escrita no *questionário-atividade* e nas *entrevistas*. Foram indicados quatro núcleos temáticos/curriculares: [A comunidade-Recursos Naturais - Atividades Econômicas - Produtivas e Aspectos Físicos: relevo, hidrografia, clima e vegetação], identificados no fluxo da programação anual apresentada pelo Órgão Municipal de Educação (OME). Estes temas foram organizados em cadernos nos quais os alunos foram solicitados a

escrever cada um 10 redações por núcleo, totalizando 40 redações escritas no período de 4 meses. Estes foram previamente organizados, contendo uma capa (onde as crianças se identificavam e faziam um desenho ilustrativo para contextualizar a temática central). Na contracapa, estavam indicados os subtemas e, nas páginas seguintes, espaços para escrever e ilustrar com desenhos. Como exemplificação, apresentamos o detalhamento do caderno sobre as atividades econômico-produtivas fora do roçado, realizadas no comércio, na indústria e nas fábricas da localidade.

**CAPA**

CADERNO DE PRODUÇÃO DE TEXTO

TEMA: O TRABALHO FORA DO ROÇADO

---

Escola:  
Nome aluno/a:

**FOLHA DE PRODUÇÃO DE TEXTO**

TEMA ESCOLHIDO

---

Nome:

**CONTRACAPA**

MARQUE NO QUADRO OS TÍTULOS DOS SEUS TEXTOS

<input type="checkbox"/>	O trabalho na pedreira
<input type="checkbox"/>	A importância da pedreira para a localidade
<input type="checkbox"/>	O funcionamento da pedreira
<input type="checkbox"/>	As serras das pedreiras
<input type="checkbox"/>	A pedreira e a escola
<input type="checkbox"/>	O trabalho na indústria de cerâmica
<input type="checkbox"/>	Os produtos da indústria de cerâmica
<input type="checkbox"/>	O trabalho no comércio
<input type="checkbox"/>	O comércio de minha localidade
<input type="checkbox"/>	O trabalho fora da pedreira e da cerâmica

Com este material, foi possível acessar os saberes de experiência e de formação dos alunos antes de serem inseridos na aprendizagem dos conteúdos estabelecidos pela "oficialidade" curricular. Convém destacar o fato de que todas estas produções passaram por momentos individuais e coletivos, realizados fora do espaço da sala de aula. Estas possibilitam uma reflexão sobre os modos de produção presentes nos espaços investigados até chegar a conclusões do tipo: *o trabalho na pedreira é bem diferente do desenvolvido na fábrica de tijolos, bem como analisar as lições apresentadas sobre o referido tema, no livro didático adotado.*

Eis o texto e as imagens decorrentes dessa vivência:



Trabalho no comércio. Produção de alunos da escola rural, Boqueirão, Caucaia; CE, 1995.

O Trabalho no Comércio, nas Bodegas e nas Mercarias

*Além dos trabalhos da pedreira e na fábrica de cerâmica, no Boqueirão tem o comércio feito nas bodegas e mercearias. A maioria delas funciona na parte da frente da casa onde moram os donos do comércio. O horário de trabalho nas bodegas e mercearias é das 6 h da manhã até 7 h da noite. Na churrascaria, os empregados entram e saem, pois têm dois turnos para atender às pessoas que passam durante o dia e à noite pela BR-222.*

*É um serviço bom para o dono, porque ganha dinheiro dos que compram e é bom para as pessoas da localidade porque podem comprar as coisas e pagar depois, de acordo com o que está anotado na caderneta.*

*Quem trabalha no comércio tem que saber muito matemática, por isso o estudo é importante, principalmente para os comerciantes.*

*Nas vilas, os comércios são bem próximos, por isso uns vendedores até brigam uns com os outros e, assim, cada um vende menos que o outro.*

*Os donos do comércio na vila são: o seu Zé Alexandre, a dona Cleide, seu Neudo, seu Antônio Pedro, seu João Vaqueiro e o seu Zé Rocha, que é o comerciante mais antigo na localidade.*

Como expressão do valor dessas tarefas, no contexto da escolarização, pusemos em evidência alguns depoimentos de crianças e jovens que foram iniciados na produção textual, orientada para a compreensão dos espaços-tempos vividos.

*Foi bom a gente fazer o trabalho das redações porque sobre o roçado a gente já sabe. Desde pequeno que a gente trabalha com os pais da gente, plantando e colhendo no roçado... (Joel, 1995)*

*A gente escrevia o que a gente queria e na hora que a gente quizesse (Rafael, aluno da escola rural, Caucaia, CE, 1995)*

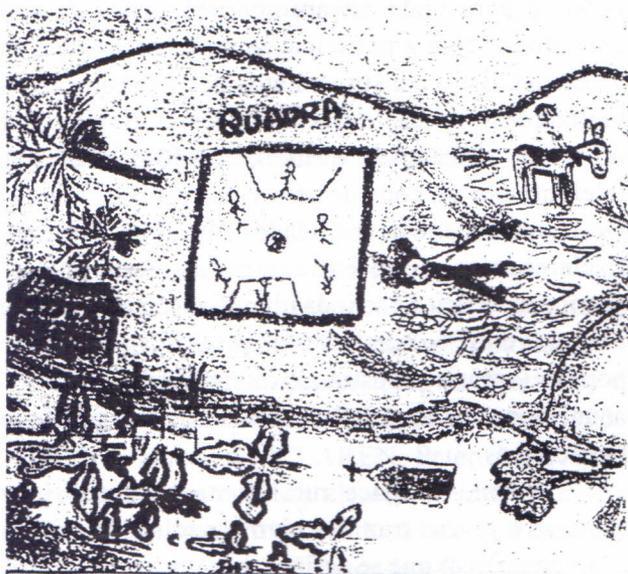
*... eu gostei muito porque a gente desenhava sobre vários assunto e depois falava como era na nossa localidade e o que a gente sabia. (...) O que ajudou mais a fazer essas redações foi a minha experiência porque desde cedo que eu trabalho com meu pai na agricultura. Aí a gente escrevia tudo que a gente sabia ...a nossa visagem (Samuel, aluno da escola rural, Caucaia, CE, 1995)*

Como última etapa desse estudo curricular, procedemos a um ensaio gráfico solicitando que crianças, jovens, professores(as) e moradores das localidades indicadas como áreas da pesquisa, realizassem a produção coletiva de Mapas Culturais Agrário-Agrícola- cartografias do cotidiano do espaço urbano-rural investigado, desocultando assim cenários

agrários-agrícolas até então marginais, ditos não significativos no contexto da "oficialidade" presente entre o processo de seleção e a instalação de programas por desconsiderarem, nessa relação, saberes emergentes das experiências e das práticas sociais no campo-mundo vivido pelas crianças e jovens, sujeitos sociais da aprendizagem oficializada.

Esta atividade foi realizada depois de iniciada a coleta de dados junto aos agricultores pelas crianças e jovens da escola registrados com o apoio do *questionário- atividade* e dos *roteiros de entrevistas* e recursos auxiliares (máquina fotográfica e gravador). Os referidos *Mapas Agrários-Agrícolas* permitiram pôr em evidência os seguintes cenários e espaços socioculturais: área de lazer (destacando sempre o campo de futebol); áreas de produção (durante o cultivo e nas queimadas); as estradas de acesso às outras localidades (da ida e da vinda rotineira para o trabalho e para a escola); os rios, as lagoas e as cachoeiras.

Um olhar mais atento sobre estas cartografias permitiu declarar espaços e limites do poder e fronteiras socioculturais.



Mural coletivo / Mapa Cultural da Serra de Juá, Caucaia, CE, dez. 1997

Para produção das *cartas*, tivemos como apoio mapas oficiais de vegetação, hidrográfico e político cedidos pela Secretaria dos Recursos Hídricos do Município de Caucaia-Ceará, produzidos em convênio com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará e executados pela Funceme (Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos), divulgados no Relatório Plano de Gestão Urbano-Ambiental Integrada para o Município de Caucaia, em novembro de 1994. A partir destes mapas e das in-

formações técnicas prestadas por geógrafos e agrônomos da Secretaria de Recursos Hídricos de Caucaia, foram acionados os seguintes procedimentos como estratégias para viabilizar a leitura e representação desses espaços geográficos:

1. *Localizou-se* nos referidos mapas, o espaço da pesquisa de campo e que coincide com os espaços das moradias das crianças e jovens da referida escola.
2. *Vivenciou-se* o momento da construção do espaço.
3. *Procedeu-se* à explicitação crítica dos mapas produzidos.

### **OLHARES E TRAJETÓRIAS DE PESQUISADORES SOBRE CENÁRIOS CURRICULARES RURAIS**

Todo este percurso conduziu a um olhar crítico sobre a discussão curricular no contexto da sociedade atual frente à cultura urbanizada, com sede nos limites rurais e para onde encaminhamos *lições de vida* construídas com a participação de crianças e jovens da escola. Estas constituem atos de incorporação das realizações práticas e das tradições culturais diante do novo, apreendido através do rádio, televisão, telefone, por se considerar a cultura rural, hoje, no Ceará, como parte da totalidade da “cultura moderna”. Esclarecemos que o enfrentamento deste anúncio curricular se deu a partir da identificação nas relações obscuras entre cultura dominante (escolar) e a cultura popular (agrária), mostrando intenções das políticas e anunciando um novo espaço conceitual para os saberes curriculares.

Assim, o espaço rural contextualizado pelas crianças e jovens traz “ao vivo” as relações produtivas e educativas que se definem por uma organicidade ético-cultural entre a escola e a comunidade. Para tanto, junto com as crianças revisitamos *as vilas* – da paz e do amor – nomes designados para romper com as denominações oficializadas pelos donos dos espaços onde estão construídas, ou seja, área de uma pedreira e da cerâmica, onde vivem trabalhadores submissos aos olhares da produtividade e da eficiência previstos pelos regimes de poder e autoridade do dono da pedreira e da fábrica; *o povoado* de Boqueirão, situado perto do posto fiscal, onde moram os mais abastados e que possuem terras para cultivar, e onde se concentram as atividades terciárias, tais como o comércio de bodegas e mercearias e a presença de

churrascarias, posto fiscal e onde reside a maioria das professoras; *os sítios*, onde moram dona Maria Tereza, seu João, seu Geraldo, situados, respectivamente, nas Serras do Boqueirãozinho, do Camará, da Santa Rosa, os quais representam os espaços de “toda a riqueza” e de “toda pobreza”, acerca do saber agrário e agrícola. Esta racionalidade interativa permitiu investigar as áreas de conflito, os modos e as formas de rupturas conceituais, como construção/transformação curricular, referentes aos tópicos conceituais-científicos que, na maioria da vezes, desconsideram o teor científico dos saberes produzidos nas relações e práticas cotidianas.

O desafio metodológico foi buscar o anúncio de uma reconstrução curricular, definida para além do imediato e considerando as possibilidades humanas de criar e apropriar-se da ação crítica para revelar a distinção entre realidade e as condições que ocultam suas possibilidades num mundo em transformação.

Neste contexto, as contribuições de crianças, expressas em formas de *lições*, chamam atenção para a dimensão da utopia na construção de uma sociedade baseada num conjunto de possibilidades humanas, mais igualitárias e menos repressivas, onde a cultura e a educação sejam a expressão do homem como ser livre e criador, introduzindo um grito de alerta aos movimentos sociais e práticas curriculares, quanto ao significado do acesso e das possibilidades históricas e tecnológicas de produção econômica e direitos de posse cultural e da terra, haja vista que estas permitem que as populações pobres vivam em liberdade. Reafirmamos, assim, que a escola, a vila, a praça, a família, a localidade, a periferia e o centro urbano são realidades que se complementam. O ambiente que o aluno encontra ao sair da escola é a construção desta.

Os espaços cotidianos pesquisados e os saberes neles instituídos constituíram suportes reais não-oficiais para releitura da dimensão crítica, numa perspectiva pós-moderna de currículo. Estes redefinem valores e saberes, muitas vezes aprisionados pelos saberes de formação dos professores, os quais não chegam ao âmbito institucional da sala de aula, por serem aprisionados pelas amarras dos livros didáticos e das grades curriculares, que delimitam o tempo e o espaço da visão modernista.

Portanto, a posse dos saberes científicos alterou o ritmo da reprodução escolar, marcas da tradição pedagógica, e criou espaços culturais de acesso a outros meios de produção, onde os atores sociais participam como membros da transformação, conscientes de seus riscos e lucros. Sob essa óptica, a escola passou a ser pensada como o espaço da

possibilidade de reconstrução social e cultural, como esperança concreta de que o acesso a esta instituição oficial venha ensejar uma educação que possa favorecer a liberdade interpretada no meio rural como possibilidade real de inserção socioprofissional nas fábricas e no comércio; um saber-cultura articulado, sem perder de vista o elo com as identidades... cotidiano familiar, nas ruas, nas brincadeiras, no trabalho e na escola.

Pensar em direção a um novo projeto formativo para a escola básica rural, diante do contexto apresentado, recupera a discussão da escola básica como espaço político e de conquistas sociais. A referência concreta considerada nesta análise, foi a condição de miséria do homem rural, mantida por uma economia informal, distribuída no fluxo do ambulante ao bodegueiro, do operário e de outros trabalhadores deslocados de suas competências nativas, ou seja, geradas na unidade familiar (da roça, da parceria, do comunitário) junto à terra, ou até sem terra agricultável, e onde aprendeu a primeira lição articulada pelo mundo do trabalho, com certeza adquirida fora dos livros e da sala de aula. Portanto, as relações entre educação-trabalho-curriculo para formação da cidadania passam a exigir conhecimentos mais amplos, haja vista as demandas por maior qualificação, endereçadas pelo setor produtivo, e os emergentes das necessidades de sobrevivência de toda a sociedade.

Concluimos o texto com duas histórias de vida, que coincidem com as histórias de quem fez parte desse processo investigativo – crianças e jovens autores-atores de uma análise histórica curricular; um ato de ruptura diante do que nos alerta Hobsbawm (1995): *...Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.* (13)

**MARINEIDE** morou quatro anos no Boqueirãozinho, na vila dos operários da fábrica de cerâmica, mais conhecida na localidade como vila da paz e do amor. Adorava brincar de bola, assistir a televisão na praça e passear nos lugares vizinhos. Começou a estudar na escola de Boqueirão, que fica perto da sua casa, com 9 anos de idade, fazendo a primeira série. Em 1995, com 14 anos, quando estava cursando a quarta série,

*abandonou a escola para se casar. Nesta época, além de estudar, ajudava a mãe nos serviços domésticos lavando roupas, a louça, cuidando do almoço e da arrumação da casa. Gostava muito do Boqueirãozinho, porque é um lugar muito diferente daqueles lugares onde havia morado antes.*

**JOEL** começou a estudar na escola de Boqueirão em 1993, com 15 anos, fazendo a primeira série. Atualmente está com 19 e deixou de estudar pois teve que trabalhar para ajudar a sua família, que voltou a morar na serra do Juá, depois que a fábrica de cerâmica em que seu pai trabalhava foi fechada. Apesar de ter abandonado a escola, gosta muito de escrever, de brincar e de ler. Das diversões, a que gosta mais é de jogar futebol, pois é muito legal fazer o gol e o time vencer a partida. Quando morava na vila, além de estudar, ajudava em casa enchendo o tanque de água para uso na cozinha e, duas vezes por semana, ia pegar o carvão no forno da cerâmica. Algumas vezes, capinava o quintal e fazia as compras na mercearia. Atualmente, seu trabalho é ajudar o pai na agricultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Maria de Lourdes P. *Os saberes agrário-agrícola no projeto formativo da escola rural – o currículo como uma política cultural.* Fortaleza-CE, dez/1997. (Tese de Doutorado)
- COULON, Alain. *Etnometodologia.* Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GIROUX, Henry e MCLAREN, Peter. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva. In: *Revista Educação e Realidade.* Porto Alegre: FAGED/UFRGS, jul/dez, 1993, vol.18/02 (21-35).
- GOODSON, Ivor. F. *Currículo: Teoria e história.* Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HOBSBAWM. *Era dos extremos - o breve século XX – 1914/1991.* Tradução de Marcos Santa Rita. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.